

NA FRONTEIRA ARGENTINO-BOLIVIANA O MELHOR PETRÓLEO DO CONTINENTE

EM MADREJONES E CAMPO DURAN JORRA O PETRÓLEO COMO NA ARÁBIA SAUDITA

SONDAS DE Y.P.F.

ACÓRDO ENTRE OS DOIS PAISES NA EXPLORAÇÃO

Há petróleo um pouco por toda parte na América, mas a toca da onça mesmo está aqui. O paralelo é o 22; como a nossa estimada cidade do Rio de Janeiro está no paralelo 23, chegamos à conclusão de que estamos um pouco ao Norte do Rio, mais ou menos na altura da cidade de Cantagalo e do Cabo de São Tomé. Mas muito para dentro: estamos na fronteira da Argentina com a Bolívia; a leste a imensidão

do Chaco, a oeste os primeiros contrafortes dos Andes.

Do lado argentino a aldeia da fronteira é Pocitos; do lado de lá está Yacuiba; índias «coyas», algumas de chapéus altos, com filhos enganchados às costas, passam a porteira levando seu contrabando de formigas; da Bolívia trazem peças de nylon, vindas Deus sabe por que outros caminhos de contrabando; da Argentina levam frutas e alimentos.

OS MELHORES POÇOS DO CONTINENTE

Vimos de Buenos Aires a Tartagal em um DC-3 da «Aerolíneas Argentinas» que desce em todo povoado e consegue gastar 8h45m nesse percurso. Vimos ver os famosos campos de Madrejones e Campo Durán, conhecidos desde 1953 e 1951, mas que só há meses atrás mostraram toda sua bondade.

Os últimos poços perfurados são surpreendentes; o petróleo jorra como nas melhores jazidas da Arábia Saudita. Em Madrejones, que fica bem na fronteira, um poço produz 325 metros cúbicos de petróleo e 1.130.000 m³ de gás por dia. Mil metros cúbicos de gás equivalem, em energia, a um de petróleo; assim o poço produz o equivalente a 1.455 m³ ao dia, isto é, mais de 9.000 barris. O poço 26, de Campos Durán, que visitamos, produz 650 m³ por dia de petróleo e mais 800.000 metros cúbicos de gás. O petróleo (eu trouxe uma garrafinha) é claro como azeitão de oliva, quase só contém elementos leves; já sai do chão meio destilado.

AS JAZIDAS SÃO PROFUNDAS

Tartagal («tártago») é a árvore da mamona) é uma cidadezinha razoável, arborizada curiosamente com paineiras («palo borracho») e lanternas da China. As paineiras estão espalhando suas painas alvas e as laranjeiras estão cheias de frutas vermelhas. Atrás da estação há uma série de serrarias; essa fela vegetação do Chaco e a outra, mais alta e cheia, que povoa as primeiras elevações no rumo da Cordilheira são ricas em madeiras boas; do avião vimos belas manchas cor-de-rosa na mata, e um argentino me disse que era uma árvore chamada lapaço; creio que é uma espécie de ipê. Nesta época do ano a seca é total, e muitos rios torrenciais que descem da Cordilheira e abrem imensos vales estão completamente sem água ou com um escasso fio que se perderá mais para leste, na planura triste do Chaco. E, assim, dentro de uma nuvem de poeira que avançamos de Tartagal para o norte, rumo à fronteira. Ao lado da estrada corre o caminho de ferro General Belgrano, que depois da fronteira se liga à ferrovia que demanda Santa Cruz de la Sierra.

Com uns 60 quilômetros chegamos a Pocitos, onde está um acampamento de Yacimiento Petrolíferos Fiscales. O engenheiro Venturini

Reportagem de Rubem Braga

(Especial para o «Diário de Notícias»)

nos apresenta ao geólogo. O petróleo, nos explica este, é encontrado aqui a uma profundidade média de 4.200 metros. Mostra-nos amostras das rochas colhidas ao longo da perfuração. Os primeiros 2.300 metros são de um conglomerado terciário; depois a sonda entra nos arenitos do Gondwana superior e do médio, até a altura dos 3.600 metros. E' na camada imediata que começa a aparecer a formação «tupambi», um arenito claro, poroso, que contém o petróleo. Espiamos no microscópio; totalmente leigos no assunto, sempre tivemos a impressão de que o petróleo estava debaixo da terra em bolsões puramente líquidos; na verdade ele fica dentro dos poros dessa rocha madre, em uma camada que tem seus 150 metros de espessura sobre o cristalino.

Madrejones está a cerca de 700 metros sobre o nível do mar; a jazida que os argentinos encontraram aqui continua através da fronteira pelo território boliviano; contanto que o governo de La Paz fez uma concessão à Gulf para abrir poços nesse terreno magnífico. Para que um país não prejudique o outro «chupando» o petróleo através da fronteira, foi feito recentemente um acordo; a distância mínima entre os poços deve ser de um quilômetro.

FURANDO ATÉ 5.000 METROS

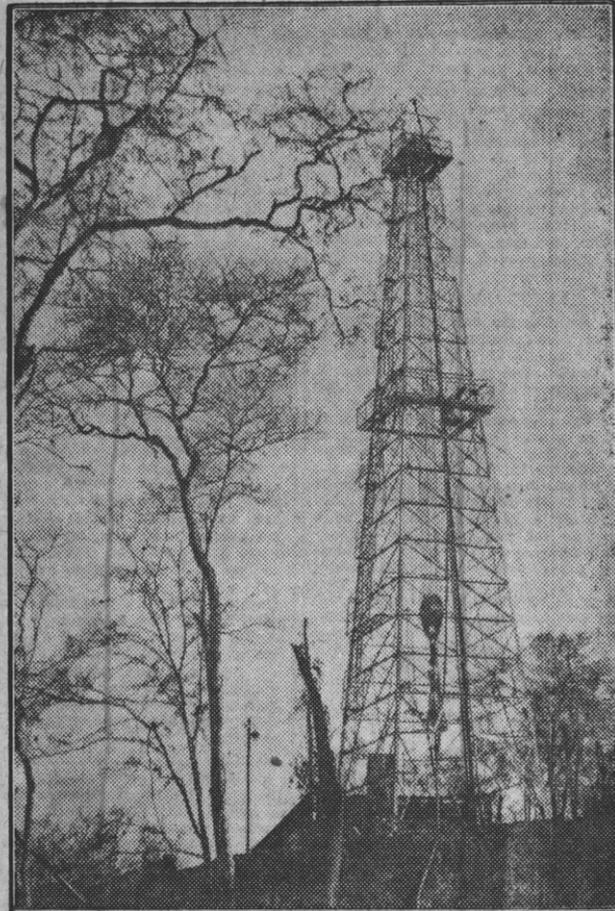
Uma estradinha entra pela mata, visitamos alguns poços. Nenhum está produzindo; aqueles em que se encontrou petróleo foram novamente, fechados, à espera de que o sistema de transporte permita uma exploração econômica; isso é como dinheiro no banco, diz alguém mostrando um desses poços fechados. E' só abrir uma daquelas grandes torneiras e o petróleo e o gás virão à tona.

Equipes de geólogos, geofísicos e perfuradores continuam a trabalhar. No poço número 11 vemos a torre mais moderna existente na Argentina. A máquina perfuradora tem uma potência de 1.800 hp e sua capacidade de perfuração é de 5.000 metros. Um equipamento desses custa qualquer coisa nas alturas de 500 mil dólares; YPF tem dois desse tipo.

De Madrejones descemos diretamente para Campo Durán, numa estradinha cheia de curvas, uns 20 quilômetros. Campo Durán é uma jazida perfeitamente separada da de Madrejones; é, sem dúvida a mais valiosa que já se encon-

trou no Continente. Mais de 20 poços já foram perfurados com êxito; quase todos voltaram a ser fechados. O que se está extraindo é pouco, cerca de 300 metros cúbicos por dia. Esse petróleo é levado para uma planta compressora, que separa o gás; esse gás é reinjetado em certos poços. Quando estiver pronto o gazoduto, ele será levado até Buenos Aires, abastecendo, no caminho, tudo que é capital de Província do Norte Argentino.

O petróleo de Campo Durán é atualmente levado por um oleoduto até Embarcación, às margens do Rio Bernejo, a uns 140 quilômetros de distância no rumo Sul. Dall uma parte vai para a capital de Salta, onde é destilado em Chachapoyas, para o consumo da região. Outra parte segue em estrada de ferro 705 quilômetros para leste, até Formosa, às margens do rio Paraguai, de onde desce em barcos até a grande destilaria de San Lorenzo, em Santa Fé. Um oleoduto — Campo Durán — San Lorenzo que deve estar pronto lá para janeiro de 1960 permitirá que a atual produção de 300 m³ diários passe para 8.000 m³ diários



Y P F está utilizando sondas capazes de furar até 5.000 metros de profundidade.

de petróleo ou seu equivalente em gás. Assim só essa abençoada bacia petrolífera da fronteira boliviana produzirá quase tanto como toda a Argentina hoje em dia.

NOVAS ESPERANÇAS

Enquanto se espera, se perfura; visitamos, a 15 quilômetros a leste de Tartagal, o Poço Tartagal número 1.

Armada em uma torre de 42,5 metros, com uma base de 30 pés, uma sonda está furando ali, e já chegou a 4.125 metros. Dentro de alguns dias ou semanas virá das profundezas uma resposta — sim ou não. Os homens da equipe perfuradora começam a ficar nervosos; se (Conclui na 10ª página)

375